

MIGRANTES BRASILEIRAS: EXPERIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO LABORAL

BRAZILIAN WOMEN MIGRANTS: EXPERIENCES AND LABOR MARKET INTEGRATION STRATEGIES

Juliana Avila ¹[0009-0002-4907-1646]

¹ Universidade Aberta (UAb)
juavila@gmail.com

Resumo. Artigo extraído da dissertação de mestrado que se apoia na integração das relações de gênero aos estudos migratórios, visando entender experiências específicas da mulher migrante brasileira no mercado de trabalho alemão. São consideradas discriminações interseccionadas de gênero, origem racial e étnica, classe social e condição de imigrante ao longo do processo migratório. A metodologia utilizada é a triangulação de informações levantadas através de estatísticas oficiais, aplicação de 65 questionários online e de 10 entrevistas presenciais. O resultado é a validação da existência de discriminações identificadas em enquadramento teórico.

Palavras-chave: Gênero. Migração. Interseccionalidade. Segregação ocupacional

Abstract. Article extracted from a master's dissertation that relies on the integration of gender relations into migration studies, aiming to understand specific experiences of Brazilian migrant women in the German labor market. It considers intersectional discriminations of gender, racial and ethnic origin, social class and immigrant status throughout the migration process. The methodology used is the triangulation of information collected through official statistics, the application of 65 online questionnaires and 10 face-to-face interviews. The result is the validation of the existence of discriminations identified in the theoretical framework.

Keywords: Gender. Migration. Intersectionality. Occupational segregation.

Introdução

O movimento de emigração brasileira é crescente desde a década de 60. Nos últimos 10 anos, esse movimento se intensificou fortemente, e, segundo o Ministério das Relações Exteriores, chegou a atingir, neste intervalo, um aumento de 122%. Em 2021, foram mais de 4,4 milhões de brasileiros residindo em outros países, o que corresponde a 2% da população (MRE, 2021).

O fluxo emigratório de brasileiros contemporâneo não sofreu mudanças apenas quanto sua intensidade, mas também quanto sua direção e sua natureza. Os países europeus subiram no ranking de principais países de destino e observou-se incremento expressivo dos fluxos migratórios femininos (Assis & Siqueira, 2021).

A Alemanha ocupa o 8º lugar entre as comunidades brasileiras no exterior, acolhendo, aproximadamente, cerca de 140 mil brasileiros (3%) (MRE). Segundo relatório de

migração BAMF (Ministério Federal de Migração e Refugiados), o Brasil ocupa a terceira posição de país com maior participação feminina no total de imigrantes recebidos pela Alemanha. Dentre os brasileiros no país, 64,3% são mulheres (BAMF, 2020).

Migração Brasileira Feminina na Alemanha

Embora quantitativamente a participação feminina da população brasileira na Alemanha seja relevante, isso não assegura às mulheres brasileiras as mesmas oportunidades oferecidas aos homens brasileiros, especialmente quando comparadas as atividades exercidas no país. (Feijó, 2021). Em 2020, dentre os brasileiros com nível de escolaridade superior completo que estão desempregados no país 67,7% eram mulheres (BAMF, 2020).

A origem da disparidade é fundamentada em práticas discriminatórias. As dificuldades enfrentadas por mulheres imigrantes no mercado de trabalho alemão são criadas a partir da sobreposição de diversos aspectos, como sexo, raça, etnicidade, orientação sexual, nacionalidade, religião e situação social. São discriminações múltiplas, que se apresentam tanto de forma direta e explícita, como indireta e velada, que se faz presente através de comportamentos, atitudes, práticas e normas sociais ocultas afetando mulheres quanto a obtenção de emprego, oportunidades de promoção e diferenças salariais. (Peixoto, 2006).

Os principais obstáculos impostos às imigrantes brasileiras no processo de inserção no mercado de trabalho alemão são: (Lidola, 2013): • Discriminação interseccional (sexo, raça e nacionalidade): baseada na imagem que Brasil oferece apenas lazer e diversão, que as mulheres brasileiras (particularmente as negras) estão à constante busca do prazer, não tem ética, são preguiçosas e possuem vocação especial às atividades domésticas e com cuidados.

• Discriminação por parte do sistema: pressão por parte das agências de emprego estatais e dos empregadores para que as mulheres aceitem “o emprego que conseguirem”, ignorando sua escolaridade, seus conhecimentos e experiências profissionais prévias à migração, forçando mulheres a se submeterem a empregos aquém de suas qualificações, em especial, trabalhos domésticos e com cuidados.

• Invalidação da educação do migrante: não-reconhecimento de diplomas estrangeiros, desqualificação da experiência profissional e primazia aos cidadãos alemães.

Metodologia

O método utilizado é a triangulação de informações levantadas através de estatísticas oficiais, aplicação de 65 questionário online (GoogleForms) e de entrevistas presenciais a uma amostra de 10 mulheres brasileiras residentes na Alemanha.

Resultados

Embora 95% das mulheres que tenham participado do estudo tenham entre 35-50 anos e estejam, portanto, em idade ativa, 45% não exercem nenhuma atividade remunerada regular na Alemanha. Cerca de 50% daquelas que logram manter-se na área de atuação prévia à migração são aquelas que já migraram com contrato de trabalho vigente

(expatriadas por empresas multinacionais ou com proposta de emprego prévia). Dentre as que migram sem emprego previamente estabelecido, 89% ainda não se inseriu no mercado de trabalho ou não conseguiu dar continuidade à carreira iniciada no Brasil. Estas seguem desempregadas, optaram por aceitar cargo inferior, iniciar nova profissão ou empreender por falta de oportunidade de emprego.

Embora o idioma alemão seja sempre identificado como principal barreira à entrada, percebe-se que adquirir o conhecimento da língua não é o suficiente para a inserção no mercado de trabalho. Dentre as que não trabalham, 69% se encontram no nível B1 ou superior, que é, comumente, o nível mínimo exigido para se poder trabalhar no país.

As práticas discriminatórias fazem com que, mesmo as brasileiras altamente qualificadas, forçosamente experimentem trajetórias de mobilidade decrescente, alocando-se no setor secundário, dominados por imigrantes, com altos níveis de informalidade, baixa segurança contratual, salários inferiores, sem possibilidades de promoções, restrita proteção social e baixo prestígio. (Feijó, 2021) Essa problemática se faz relevante uma vez que, embora parte das migrantes brasileiras não pertença às camadas socioeconômicas privilegiadas, predominantemente, não são dificuldades financeiras ou experiência de vitimização que levam mulheres brasileiras a deixarem seu país (Lidola, 2013). Na regra, inclusive, as brasileiras mais pobres não têm acesso às informações ou recursos financeiros necessários ao processo migratório. Uma vez que o Brasil não faz fronteira com países ricos, as distâncias são longas e o deslocamento exige um mínimo de capital disponível para o investimento no transcurso, as brasileiras que logram migrar são mulheres com melhores níveis socioeconômico e de escolaridade (Stelzig-Willutzki, 2012).

Conclusão

As migrantes brasileiras – em contraste com as suas próprias biografias migratórias – são confrontadas por representações estereotipadas. Estas vão desde o pressuposto generalizado da vitimização, da atribuição da indústria e do tráfico de turismo sexual brasileiro até a exotização dentro do mercado de trabalho formal e informal alemão (Lidola, 2013). Esse imaginário sobre a mulher brasileira, datado do período colonial, persiste, se reproduz (Assis, 2021) e é frequentemente reafirmado pela mídia alemã (Feijó, 2021), impactando sua vida cotidiana, suas relações sociais e seu processo de integração laboral.

REFERÊNCIAS

1. ASSIS, Gláucia e SIQUEIRA, Sueli. Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre “a mulher brasileira”. Caderno Pagu, Campinas, n. 63, 2021.
2. ASSIS, Gláucia. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, vol.15, n.03, p.745-772, 2007.
3. BAMF (Departamento Federal de Migrações e Refugiados) (2020) Migrationsbericht der Bundesregierung 2020 [Relatório de Migrações do Governo Federal 2020]. Disponível em: <https://www.bamf.de/SharedDocs/Anlagen/DE/Forschung/Migrationsberichte/migrationsbericht-2020.html?view=renderPdfViewer&nn=1018856> MRE

- (Ministério de Relações Exteriores, Governo Federal do Brasil) (2021). Comunidade brasileira no exterior - Estatísticas 2021. https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/arquivos/14-09_brasileiros-no-exterior.pdf.
4. FEIJÓ, Glauco Vaz. Retratos do Brasil na Alemanha: 30 anos de imigração. Campinas, 2021.
 5. GÓIS, Pedro, MARQUES, José Carlos, VALADAS, Carla, LEITE, Ana e NOLASCO, Carlos. Discriminação no recrutamento e acesso ao mercado de trabalho de imigrantes e portugueses de origem estrangeira. Lisboa, 3ª ed., vol.63, 2018.
 6. LIDOLA, Maria. Changing boundaries and redefining relations: migration and work experiences of Brazilian women in Germany. The Journal of the International Association of Inter-American Research (IAS) FIAR Forum for Inter-American Research, vol. 6, n. 2, p. 1-25, Set, 2013.
 7. PEIXOTO, João. Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências. Revista Migrações - Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho, Lisboa, n. 2, p. 19- 46, Abr, 2008 STELZIG-WILLUTZKI, Sabina. Soziale Beziehungen im Migrationsverlauf: Brasilianische Frauen. Hamburg. (2012).